



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

THAMIRES DE AQUINO TÁVORA

**IMPACTOS DA CONCILIAÇÃO DOS TRABALHOS PRODUTIVO E
REPRODUTIVO PARA A SAÚDE MENTAL DE UNIVERSITÁRIAS DO ENSINO
PÚBLICO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19:
UM ESTUDO DE CASO**

FORTALEZA – CEARÁ

2022

THAMIRES DE AQUINO TÁVORA

IMPACTOS DA CONCILIAÇÃO DOS TRABALHOS PRODUTIVO E
REPRODUTIVO PARA A SAÚDE MENTAL DE UNIVERSITÁRIAS DO ENSINO
PÚBLICO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: UM ESTUDO DE CASO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. José da Silva Oliveira Neto.

FORTALEZA – CEARÁ
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Tavora, Thamires de Aquino.

Impactos da conciliação dos trabalhos
produtivo e reprodutivo para a saúde mental de
universitárias do ensino público durante a
pandemia de covid-19: um estudo de caso [recurso
eletrônico] / Thamires de Aquino Tavora. - 2022.
39 f.

Trabalho de conclusão de curso (GRADUAÇÃO) -
Universidade Estadual do Ceará, Centro de
Humanidades, Curso de Psicologia, Fortaleza, 2022.
Orientação: Prof. Me. José da Silva Oliveira
Neto.

1. Clínica Histórico-Cultural. 2. divisão
sexual do trabalho. 3. trabalho produtivo e
reprodutivo. 4. pandemia.. I. Título.

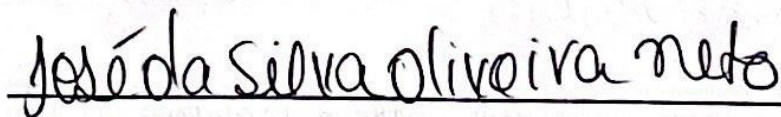
THAMIRES DE AQUINO TÁVORA

IMPACTOS DA CONCILIAÇÃO DOS TRABALHOS PRODUTIVO E
REPRODUTIVO PARA A SAÚDE MENTAL DE UNIVERSITÁRIAS DO ENSINO
PÚBLICO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: UM ESTUDO DE CASO

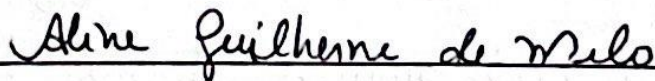
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Psicologia do
Centro de Humanidades da Universidade
Estadual do Ceará, como requisito parcial para
a obtenção do grau de bacharel em Psicologia.

Aprovada em: 22 de agosto de 2022

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. José da Silva Oliveira Neto (Orientador)
Centro de Humanidades
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Profa. Ma. Aline Guilherme de Melo
Núcleo de Psicologia Histórico-Cultural do Ceará
(NPHC)



Profa. Dra. Isadora Dias Gomes
Universidade Federal do Ceará - UFC

Para todas as mulheres, especialmente aquelas que contribuíram para o meu desenvolvimento, exercendo um trabalho dedicado de cuidado e fornecendo as bases para uma educação crítica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as mulheres importantes que fizeram parte da minha trajetória, ensinando sobre os caminhos que eu gostaria de percorrer e, principalmente, sobre as direções que, mesmo tendo sido traçadas anteriormente, desejo que sejam rompidas.

Agradeço à minha família, minha mãe, uma mulher forte que me ensinou a lutar pelos meus sonhos e objetivos. À minha irmã, um ser humano particular na teia das minhas pessoas favoritas, que me ensina que é possível lutar sem perder a ternura, por mais difícil que se pareça. Ao meu irmão, quem primeiro plantou as sementes da dúvida e sempre me motivou a buscar nos livros as melhores perguntas, pois algumas respostas não podem ser imediatamente encontradas sem um amplo trabalho de investigação que necessita de uma curiosidade singular para se manter vivo. Obrigada a todos vocês porque, além disso, me ensinaram a amar.

Aos meus professores e professoras que contribuíram para meu desenvolvimento, durante toda a minha trajetória como graduanda, por meio de suas reflexões, aulas, pesquisas e orientações de extensão. Em especial, agradeço à Ana Ignez Belém Lima Nunes, por ter sido a primeira pessoa que despertou minha mente e meu coração para a Psicologia Histórico-Cultural e que realiza um admirável trabalho como Educadora e Psicóloga no Ceará.

Agradeço ao professor José Silva Oliveira Neto pela sua disposição para me ouvir em tempos onde a escuta se torna cada vez mais apressada. Obrigada por me ensinar os caminhos de uma prática clínica histórico-cultural que é dinâmica e viva pelo seu próprio processo de construção diária e que não pode ser um exercício solitário, mas de união.

Aos meus amigos e amigas que passaram cinco anos de graduação ao meu lado tornando esse período mais leve e amenizando as séries de desventuras que apenas uma jovem universitária cheia de fantasias sobre o ensino superior público é capaz de compreender. Aos amigos e amigas de toda uma vida, obrigada por permanecerem investindo no laço que construímos até aqui e me apoiando em minhas empreitadas.

Ao meu companheiro, obrigada por todo o apoio durante a escrita desse trabalho e por me mostrar que o amar envolve um companheirismo que só se faz possível na liberdade de aceitar quem o outro é e quem somos nós.

Parafraseando um dos meus autores favoritos, é “através dos outros que nos tornamos nós mesmos” e, por isso, agradeço a cada um de vocês por me permitir conhecer o mundo por lentes diversas e diferentes sensibilidades que pretendo carregar comigo por toda minha história e desenvolvimento.

“Eu não me vejo na palavra

Fêmea: Alvo de caça

Conformada vítima

Prefiro queimar o mapa

Traçar de novo a estrada

Ver cores nas cinzas

E a vida reinventar”

(Francisco El Hombre)

RESUMO

A pesquisa apresenta uma análise qualitativa exploratória dos impactos da conciliação dos trabalhos produtivo e reprodutivo para a saúde mental de universitárias do ensino superior público pertencentes à classe média econômica durante a pandemia de COVID-19. A referida investigação combinou métodos de coleta de dados como arquivos, entrevistas, questionários e observação e intervenção extraídas de um estudo de caso clínico realizado no Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Estadual do Ceará. A base para investigação utilizada foi a Psicologia Histórico-Cultural de L. S. Vigotski. Em busca de se compreender tal problema, realizou-se uma análise da história de trabalhadoras brasileiras, verificando-se a presença de relações de exploração e alienação de seu trabalho, as quais são inerentes ao sistema capitalista onde estão inseridas. Concluiu-se que a conciliação dos trabalhos produtivo e reprodutivo durante a pandemia produziu impactos na saúde mental da universitária acompanhada, sobretudo no que tange ao aumento de sintomas de ansiedade, que foram cuidadosamente elaborados em processo psicoterapêutico com o objetivo de promover a saúde mental e autonomia da pessoa em psicoterapia.

Palavras-chave: Clínica Histórico-Cultural. Divisão sexual do trabalho. Trabalho produtivo e reprodutivo. Pandemia.

ABSTRACT

The research presents an exploratory qualitative analysis of the impacts of reconciling productive and reproductive work on the mental health of female university students in public higher education belonging to the economic middle class during the COVID-19 pandemic. This research combined data collection methods such as files, interviews, questionnaires, and observation and intervention drawn from a clinical case study conducted at the Applied Psychology Service of the State University of Ceará. The research base used was the Cultural-Historical Psychology of L. S. Vigotski. In order to understand this problem, an analysis of the history of Brazilian women workers was carried out, verifying the presence of relations of exploitation and alienation of their work, which are inherent to the capitalist system where they are part of. It was concluded that the conciliation of productive and reproductive work during the pandemic produced impacts on the mental health of the university student, especially with regard to the increase of anxiety symptoms, which were carefully elaborated in psychotherapeutic process with the objective of promoting mental health and autonomy of the person in psychotherapy.

Keywords: Historical-Cultural Clinic. Sexual division of labor. Productive and reproductive work. Pandemic.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	MÉTODO	12
3	MARCO TEÓRICO	16
3.1	Naturalização do trabalho reprodutivo como atividade realizada por mulheres.....	16
3.2	Gênero, Trabalho e Saúde Mental durante a pandemia de COVID-19	19
4	CASO F.C	22
4.1	Dinâmica de Eventos Vitais	22
4.2	Cenário de Vida	24
4.3	Complementação de Frases	25
5	AS CONTRADIÇÕES DO PROCESSO	30
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS.....	35
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COMPLEMENTAÇÃO DE FRASES.....	38

1 INTRODUÇÃO

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que a COVID-19 podia se caracterizar como uma pandemia dada sua gravidade e seus níveis alarmantes de propagação da doença. Para conter o avanço da pandemia no mundo, várias medidas de proteção foram adotadas (OMS, 2020), o que culminou em mudanças diretas nas formas de relacionamentos sociais e de trabalho em todo o mundo (MAIA; DIAS, 2020).

O isolamento social foi verificado como principal estratégia para enfrentamento da doença que, no início de 2020, já possuía grandes níveis de contaminação (OMS, 2020). Dessa maneira, os impactos da pandemia ainda estão sendo mensurados em vários cenários sociais, inclusive no que diz respeito às relações de trabalho e seus impactos na saúde mental de mulheres no Brasil.

Segundo a *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio* (PNAD COVID-19), iniciada em maio de 2020, 2,7 milhões de pessoas foram afastadas do trabalho devido ao isolamento social entre 20 e 26 de setembro de 2020 e 7,9 milhões de pessoas estavam trabalhando remotamente. Ademais, do total de ocupados no país, 13,3% (8,7 milhões) de trabalhadores e trabalhadoras estavam trabalhando de forma remota (*home-office*) e o percentual de mulheres em Trabalho Remoto (TR) foi de 17,9% superior ao registrado para os homens (10,3%) (IBGE, 2020).

Estudos recentes apontam que a Pandemia de COVID-19 intensificou as relações de exploração do trabalho feminino, como é possível visualizar nas pesquisas que verificaram que “um aspecto importante durante a presente quarentena tem sido o papel da mulher no lar, pois, dentre as respondentes, 62% apontaram que suas atividades domésticas aumentaram” (HERRERA, 2020, p. 20).

Cristina de Jesus e Luana Myrrha (2020), em uma pesquisa com pessoas de setores da classe média que possuíam ensino superior, demonstraram que apesar de uma participação mais ativa dos homens nas tarefas domésticas durante a pandemia, as mulheres seguiram como as principais responsáveis pelos afazeres domésticos e cuidados em seus domicílios (52%). Esse e outros estudos identificam uma característica fundamental do trabalho reprodutivo e de cuidado, sua naturalização como uma atividade destinada às mulheres.

De acordo com Federici (2019), uma das referências que norteará as discussões propostas, a conquista de um segundo trabalho nunca livrou as mulheres do primeiro, ou seja, a inserção em modelos de trabalho fabris após a revolução industrial e o avanço das conquistas no que tange à cidadania social da mulher não produziram as bases para uma equidade de

gênero, mas intensificaram a assunção de diversos papéis sociais e responsabilidades pelas mulheres.

Dessa maneira, é possível concluir que o atual contexto de crises superpostas é potencialmente produtor de sofrimento psicológico, pois, verifica-se uma “dupla jornada de trabalho que não caracteriza a presença de jornadas isoladas, mas sim de jornadas que se sobrepõem, tornando-se intensivas, extensivas e intermitentes” como afirma (ARAÚJO; LUIZ, 2020, p. 2).

Para descrever os impactos da conciliação dos trabalhos produtivo e reprodutivo na saúde mental, o olhar da Psicologia Histórico-Cultural fundamentou as discussões aqui apresentadas considerando os adoecimentos psíquicos sob “uma proposta científica que toma as características qualitativas como prioritárias com relação às quantitativas e que é, prioritariamente, explicativa e não apenas descritiva” (DELLARI JR, 2012, p. 12).

Assim, a proposta de intervenção de base histórico-cultural para este caso clínico visou, principalmente, a mediação sob a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), por meio de intervenções que pudessem ampliar novas aprendizagens e ampliar a consciência da pessoa em psicoterapia sobre o mundo e sobre si, possibilitando que ela pudesse “se situar na teia sociocultural a qual faz parte, entendendo que tipo de opressões sofre da sociedade e como pode se proteger delas ou se subverter em relação a elas” (CLARINDO, 2020, p. 167).

Teoricamente, tais reflexões poderão contribuir com o campo da psicologia clínica em conexão com os processos de trabalho, olhando, especificamente, para os marcadores de gênero e classe, pois, apesar de existir uma ampla discussão a respeito da divisão sexual do trabalho, não foi encontrado material que, sobre a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, relaciona tais discussões com as vivências de universitárias do ensino superior público durante a pandemia de COVID-19 no Brasil.

Nesse contexto, o presente artigo buscou analisar, por meio do estudo de caso acompanhado durante o estágio em processos clínicos de um curso de psicologia, os impactos da conciliação dos trabalhos produtivo e reprodutivo na saúde mental de uma universitária do ensino superior público, pertencente à classe média econômica, da cidade de Fortaleza, no Ceará, durante a pandemia de COVID-19.

2 MÉTODO

A fim de analisar como o desenvolvimento sócio-histórico de ser uma mulher negra no Brasil se relaciona com os impactos psicológicos vividos pela universitária atendida, a pesquisa realizada entre 2021 e 2022, propões uma investigação das narrativas da pessoa em psicoterapia por meio do método clínico genético-experimental desenvolvido por Vigotski (2000a), de acordo com o qual o desenvolvimento se dá em um contexto determinado histórico e culturalmente, afetando os padrões de conduta do ser humano bem como seus processos de saúde.

A perspectiva trabalhada no livro *Periodização Histórico-Cultural Do Desenvolvimento Psíquico* (2020), que trata do trabalho como atividade dominante da fase adulta que norteia as relações e o desenvolvimento potencial do psiquismo, foi considerada para se compreender a centralidade do trabalho e dos rebatimentos das atividades laborais no capital atual sobre os pacientes adultos que chegam até a clínica (OLIVEIRA NETO, 2020). Ademais, essa atividade dominante sofreu muitas mudanças e impactos decorrentes da pandemia de COVID-19 que podem ter intensificado a exploração do trabalho feminino.

O presente artigo buscou, por meio do estudo de caso acompanhado durante o estágio em processos clínicos realizado entre outubro de 2021 e abril de 2022, analisar como os referidos impactos repercutiram na saúde mental de uma universitária do ensino superior público, pertencente à classe média econômica, da cidade de Fortaleza, no Ceará, durante a pandemia de COVID-19.

Para tal, considerando a necessidade de compreender melhor os impactos decorrentes da pandemia de COVID-19 para a saúde mental de uma universitária do ensino superior público e da classe média que realizou trabalho produtivo e reprodutivo nesse período, foram efetuadas pesquisas nas principais plataformas de publicações científicas por meio dos descritores “divisão sexual do trabalho”, “saúde mental” e “pandemia”. Como resultado, foram encontrados 19 artigos, uma tese de doutorado brasileira, uma Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2019), uma Análise Internacional dos Impactos da COVID-19 para a educação (IESALC; UNESCO, 2020) e uma matéria internacional sobre a cronologia da COVID-19 e atuação da Organização Mundial da Saúde no Mundo (OMS, 2020). O acervo de revisão bibliográfica utilizado aqui pode ser analisado na Tabela 1, disponível neste trabalho.

Não houve recorte temporal proposital dos documentos utilizados, todavia, por se tratar de um tema que envolve uma variável recente, a maioria das publicações em artigo datam do triênio “2019-2021”. Por fim, o presente estudo se utilizou de livros e outras obras de autores

clássicos e contemporâneos da literatura científica com o objetivo de destacar aspectos-chave, como os conceitos de trabalho produtivo e trabalho reprodutivo e os conceitos de saúde e de trabalho sob o paradigma da psicologia histórico-cultural. Além das contribuições da Psicologia Histórico-Cultural, os materiais encontrados consubstanciaram as discussões e as análises feitas ao longo deste estudo.

Tabela 1 - Caracterização do acervo de revisão, segundo tema, autor, ano e metodologia adotada, 2001 a 2022

Tema	Autor/ Ano	Tipo de Estudo
Divisão sexual do trabalho / Trabalho produtivo e reprodutivo	1) Araújo e Lua, 2021	Estudo qualitativo
	2) Jesus e Myrrha, 2022	Análise demográfica
	5) Monticelli, 2021	Estudo qualitativo
	6) Santana <i>et al.</i> , 2001	Estudo qualitativo
Repercussões da pandemia de COVID-19 na saúde mental	1) IBGE, 2020	Pesquisa nacional por amostra probabilística de domicílios
	2) Maia e Dias, 2020	Estudo não experimental, transversal, quantitativo e descritivo
	3) OMS, 2020	Análise epidemiológica
	4) OXFAM, 2020	Relatório de pesquisa
	5) Ribeiro & Silva, 2020	Estudo qualitativo
Psicologia Histórico-Cultural / Clínica Histórico-Cultural	1) Aires, 2022	Estudo qualitativo
	2) Clarindo, 2020	Estudo qualitativo
	3) Delari Júnior, 2022	Estudo qualitativo
	4) González Rey, 2007	Estudo qualitativo
	8) Toassa e Souza, 2010	Estudo qualitativo
	9) Tuleski e Eidt, 2020	Estudo qualitativo

Fonte: elaborado pela autora

Além dos documentos apresentados acima, foi utilizado um método qualitativo de pesquisa, considerando um conceito de saúde que “abranja a totalidade das relações sociais e dos investimentos emocionais que contêm e se expressam na cultura” (MINAYO, 2007, p. 29). De modo mais específico, o estudo de caso foi escolhido para empreender essa investigação científica, pois combina métodos de coleta de dados como arquivos, entrevistas, questionários e observação, enriquecendo o olhar para o processo de interesse (EISENHARDT, 1989). Neste trabalho, o estudo foi realizado a partir da combinação de uma revisão bibliográfica acerca do tema, bem como da observação da pessoa em psicoterapia e da coleta dos dados resultantes do estágio em clínica da terapeuta e pesquisadora.

O método exploratório de investigação, comumente utilizado na investigação de problemas ainda pouco explorados, neste trabalho, tomou forma de estudo do caso clínico de um processo de psicoterapia de uma universitária do ensino superior público que concordou

com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme estabelecido pela resolução Nº 466 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2012).

Os atendimentos foram realizados durante a disciplina de Estágio em Processos Clínicos I, do curso de Psicologia da UECE, de modo que, em decorrência das diretrizes de isolamento durante a pandemia de COVID-19, todos os procedimentos foram conduzidos de maneira remota no período que data de outubro de 2021 a abril 2022.

Foram realizados 20 atendimentos psicoterapêuticos durante seis meses, supervisionados sob a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, com base no método genético-experimental desenvolvido por Vigotski (1996), que buscava provocar e recriar, de forma artificial, o processo genético do desenvolvimento psíquico a fim de estabelecer teoricamente as relações que constituem as bases de determinado fenômeno. Portanto, para converter o objeto final em um processo, colocando-o em movimento (TULESKI; EIDT, 2020), o método foi considerado como o ponto de chegada, norteado pela dialética singular-particular-universal em que se destaca “a apreensão dos fenômenos em sua processualidade e totalidade” (PASQUALINI; MARTINS, 2015).

As intervenções propostas durante o período em que ocorreram os atendimentos clínicos levaram em consideração os pressupostos de uma atuação que deve, como afirma Clarindo (2020, p. 158): “1) ser ativa, interventiva, participativa e dialógica; 2) buscar analisar os fenômenos trazidos pelo sujeito em tratamento a partir de uma visão genética; 3) fazer com que o psicólogo seja um mediador da relação”. Para alcançar essa atuação, foram utilizadas as ferramentas de mediação conhecidas como Linha do Tempo ou Dinâmica de Eventos Vitais, Cenário de Vida e Complementação de Frases.

Sobre as técnicas empregadas, Oliveira Neto (2020) explica que a Linha do Tempo ou Dinâmica dos Eventos Vitais objetiva compreender como o paciente narra sua história de vida, indicando os principais eventos que a compõe para entender quais são os mais significativos para a constituição psíquica da pessoa em psicoterapia. Segundo Oliveira Neto (2020), o Cenário de Vida também é uma técnica psicológica utilizada para investigar como se configura a relação do sujeito com o meio familiar em que está inserido.

A Complementação de Frases (GONZÁLES-REY, 2007) é uma ferramenta utilizada com o objetivo de mediar a ampliação de possibilidades na consciência do paciente e foi aplicada no presente estudo por meio de um material elaborado com base nos temas centrais abordados no processo psicoterapêutico.

Todas as atividades mencionadas ganharão destaque, neste trabalho, em subtópicos atrelados ao tópico de discussão do Caso F.C. O caso clínico será abordado após uma discussão

teórica da naturalização do trabalho reprodutivo como atividade realizada por mulheres, seguida de uma análise acerca das repercussões da pandemia para a saúde mental da mulher. Após a análise do caso F.C, o trabalho apresenta uma discussão acerca das contradições identificadas no processo psicoterapêutico e se conclui com a apresentação das considerações finais.

3 MARCO TEÓRICO

3.1 Naturalização do trabalho reprodutivo como atividade realizada por mulheres

Na obra *O Ponto Zero da Revolução*, Silvia Federici (2019) discorre que a divisão sexual do trabalho como era conhecida sofre uma reorganização decorrente das lutas das mulheres estadunidenses por um reconhecimento de sua força de trabalho, somadas às lutas feministas emergentes também na década de 1970. É possível verificar o feminismo, portanto, como importante movimento de luta social e reivindicação de direitos que anteriormente e, por muito tempo, foram alienados no desenvolvimento da sociedade capitalista no mundo.

Do mesmo modo, a referida autora realiza importante debate sobre os trabalhos produtivo e reprodutivo, relacionando o primeiro ao trabalho remunerado, tradicionalmente realizado fora do lar e comumente associado às rotinas de trabalho em fábricas e indústrias. Já o trabalho reprodutivo, geralmente realizado no lar, não envolve apenas as atividades domésticas, mas também a reprodução da força de trabalho através do cuidado dos filhos e outras atividades que são essenciais para a reprodução da vida social, visto que, para a mesma autora, a casa e o trabalho doméstico são a base do sistema fabril (FEDERICI, 2019).

As discussões de Silvia Federici (2019-2021) são caras à análise proposta, pois, consideram as influências do capitalismo sobre a reprodução social. Dessa maneira, as relações de produção e reprodução social estão atravessadas pela exploração do sistema capitalista, ou seja, aquilo que ficou comumente conhecido como amor e cuidado graças à sociabilidade burguesa é uma naturalização de algumas formas de violação de direitos em que cada mulher mantém a produção e reprodução da força de trabalho capitalista.

Segundo Saviani (2003, p. 3), “o que não é garantido pela natureza precisa ser produzido historicamente pelos homens, inclusive os próprios homens. Podemos, pois, dizer que a natureza humana não é dada ao homem e sim produzida por ele”. Assim, a partir de tal análise, se torna possível melhor compreender outros processos de naturalização também consequentes da produção da atividade do homem, denotando que o desenvolvimento humano sintetiza um longo e complexo histórico-social de apropriações (MARTINS, 2020, p. 14).

Essa naturalização é percebida no desenvolvimento histórico desse lugar de trabalhadoras domésticas, ao qual a grande maioria das mulheres foi relegada após a organização de reformas que contribuíram para a constituição da nova família de classe trabalhadora. Ou seja, a expulsão gradual de mulheres e crianças das fábricas e a implementação de leis que proibiram as extensas jornadas de trabalho para mulheres, como a Lei das Dez Horas

de 1847, não foram pensadas apenas para o benefício das mulheres que enfrentavam jornadas intensivas de trabalho, mas para o controle da reprodução de uma mão de obra mais saudável e qualificada que seria necessária para sustentar o novo modelo de trabalho decorrente da Segunda Revolução Industrial (FEDERICI, 2021).

Dessa maneira, para o modelo de nova família que surgia, as mulheres deveriam ser responsáveis pelos cuidados dos filhos, sua educação e manutenção da vida doméstica e sexual. Por isso, em 1870, um sistema nacional de educação foi iniciado, onde cursos de ciência doméstica eram ensinados nas escolas primárias públicas a fim de preparar as mulheres para esse trabalho não remunerado enquanto, para os trabalhadores do sexo masculino, os salários foram elevados (FEDERICI, 2021). Assim, o que difere o trabalho doméstico do trabalho remunerado, na sociedade capitalista, é que o primeiro trabalho foi transformado em uma configuração natural da subjetividade feminina constituindo a sua personalidade.

O trabalho doméstico foi transformado em um atributo natural em vez de ser reconhecido como trabalho, porque foi destinado a não ser remunerado. O capital tinha que nos convencer de que o trabalho doméstico é uma atividade natural, inevitável e que nos traz plenitude, para que aceitássemos trabalhar sem uma remuneração (FEDERICI, p. 42–43, 2019).

Apesar de o sofrimento dos corpos femininos e das desigualdades de gênero serem vistas, não foi revelado como essas condições de entrada das mulheres no trabalho fabril transformou as suas subjetividades, impactando na capacidade delas de se relacionarem com os homens e também de lutar pelos seus direitos como cidadãs (FEDERICI, 2021). Dessa maneira, naquele momento e por muito tempo, as condições apresentadas pela realidade imediata vivenciada por essas mulheres não forneciam “as bases suficientes para um conhecimento da realidade em suas múltiplas determinações” (ABRANTES; BULHÕES, 2020, p. 257).

Federici (2021) também considera que Marx, em suas obras *O Capital* e *Grundrisse*, dá um tratamento irrelevante para as questões da reprodução de força e trabalho quando essa deveria ter sido uma questão central (FEDERICI, 2021). Para a autora, esse fato contribuiu para uma marginalização a longo prazo das mulheres e do trabalho reprodutivo no programa do movimento socialista e da própria tradição Marxista.

Segundo Federici (2021), as mulheres eram retratadas nas obras de Marx, ora em posições degradantes e não reconhecidas como um trabalho (como a prostituição), ora em posições em que eram representadas como vítimas de abusos, restringindo as possibilidades de protagonismo na luta social vivenciada pela maioria em seus lares e nas fábricas.

Dessa maneira, Federici defende que Marx, ao retirar o lugar central do trabalho reprodutivo como a fonte da reprodução da força de trabalho no sistema capitalista, contribuiu

para a separação entre produção e reprodução, assim como para a naturalização do trabalho reprodutivo como trabalho destinado às mulheres (FEDRICI, 2021).

Apesar das discussões anteriores, Federici (2019) reconhece as contribuições de Marx e ressalta que há condições de uma cooperação entre marxismo e feminismo, visto que, segundo Marx, toda atividade que produz força de trabalho é um componente essencial da produção capitalista (MARX, 1969 apud FEDERICI, 2021).

Para prosseguir com tais discussões, faz-se necessária uma análise acerca do conceito de alienação do trabalho. Segundo Mészáros (2016), ao analisar a alienação em seus Manuscritos de 1844, Marx indicou, dentre seus quatro principais aspectos, a alienação dos seres humanos em relação à sua própria atividade produtiva (MÉSZÁROS, 2016, p. 205-207). Ou seja, considerando que “o trabalho é apreendido como mercadoria no sistema capitalista e elementos alienantes tomam conta do trabalho ou da atividade humana, sejam de natureza psicológica ou de outra” (OLIVEIRA NETO, 2020, p. 219), mais uma vez, é possível verificar o caráter alienante do trabalho reprodutivo como atividade humana historicamente designada para as mulheres.

Mészáros (2016), ao citar Marx (1844), considera tal alienação como o resultado de um tipo determinado de desenvolvimento histórico. Por isso, para esse debate, foi destacada a perspectiva de que o trabalho atravessa a construção da personalidade dos sujeitos e suas relações sociais e afetivas. Isso ocorre porque, segundo Tuleski e Eidt (2020, p. 44), “é na e pela atividade que o desenvolvimento do psiquismo ocorre, visto que é por meio da atividade que o indivíduo atua sobre a natureza, sobre as coisas e sobre as pessoas”.

Portanto, para empreender uma análise investigativa e interventiva na clínica histórico-cultural com pessoas em fase adulta, é necessário considerar as implicações que o trabalho exerce enquanto atividade dominante em conjunto de outras atividades sociais desse período de desenvolvimento, ativando as transformações no modo característico que o indivíduo irá se vincular com a realidade (ABRANTES; BULHÕES, 2020).

Além disso, a questão de classe permeia integralmente essa discussão no que tange ao desenvolvimento psíquico de pessoas jovens adultas e ou/adultas, visto que o “modo de reprodução do capital terá configurações opostas de acordo com a classe que o indivíduo pertence” (ABRANTES; BULHÕES, 2020, p. 256).

Partindo desta perspectiva, não é difícil considerar que as diferentes formas e ambientes de trabalho culminam em diferentes situações de exploração do trabalhador. No caso das mulheres pertencentes à classe média que assumem e conciliam múltiplas atividades de trabalho, seu processo de desenvolvimento, desde a infância, pode se relacionar a uma história

de naturalização do trabalho reprodutivo capaz de potencializar situações de adoecimento, estresse e ansiedade, por exemplo, considerando que necessitam produzir, além do capital, a base para a sua reprodução em jornadas intensivas, extensivas e intermitentes de trabalho (ARAÚJO; LUA, 2020).

3.2 Gênero, Trabalho e Saúde Mental durante a pandemia de COVID-19

O trabalho doméstico é historicamente designado às mulheres no Brasil e, antes da pandemia de COVID-19, dados da *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua* (PNADC), realizada em 2018, já denunciavam que mais de 80% da carga de tarefas domésticas era de responsabilidade feminina e que as mulheres dedicavam quase o dobro do tempo aos afazeres domésticos e cuidados com crianças e idosos em comparação com os homens (JESUS; MYRRHA, 2020).

As próprias recomendações de prevenção e controle da disseminação do vírus de COVID-19 também aumentaram, em grande medida, o trabalho doméstico, considerando que aumentou a necessidade da frequência de higienização de roupas, sapatos e outros objetos de uso constante dada a gravidade e os níveis alarmantes de propagação da doença (OMS, 2020).

Segundo o relatório *Tempo de Cuidar: o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade*, produzido pela Oxfam em janeiro de 2020, “o valor monetário global do trabalho de cuidado não remunerado prestado por adolescentes e mulheres na faixa etária dos 15 anos ou mais é de pelo menos US\$ 10,8 trilhões de dólares por ano”. Essencial para a reprodução das nossas sociedades e para a economia, o trabalho de cuidado não remunerado ou trabalho reprodutivo inclui: cuidar de crianças, idosos, pessoas com doenças e pessoas com deficiências.

Estudos recentes apontam que a Pandemia de COVID-19 intensificou as relações de exploração do trabalho reprodutivo feminino, como é possível visualizar nas pesquisas que verificaram, que “um aspecto importante durante a presente quarentena tem sido o papel da mulher no lar, pois, dentre as respondentes, 62% apontaram que suas atividades domésticas aumentaram” (HERRERA, 2020, p. 20).

As autoras De Jesus e Myrrha (2020), em uma análise demográfica com pessoas que fazem parte de setores da classe média e que possuíam ensino superior, demonstraram que apesar de uma participação mais ativa dos homens nas tarefas domésticas durante a pandemia, as mulheres seguiram como as principais responsáveis pelos afazeres domésticos e cuidados em seus domicílios (52%).

Além desses dados, um estudo recente que avaliou algumas pesquisas quantitativas e levantamentos obtidos através de *surveys* realizados ao longo do ano de 2020, indicou que, durante a pandemia de COVID-19, as mulheres estavam mais comprometidas com o isolamento social (16%) em comparação com os homens (9%). O cumprimento adequado do isolamento social e maior tempo em isolamento dentro dos seus lares culminou, segundo estes estudos, em uma maior sensação de stress para as mulheres (RIBEIRO; SILVA, 2020).

Em outro contexto, uma análise realizada com algumas mulheres de classe média que podiam contratar trabalhadoras domésticas antes do isolamento social, verificou que a proximidade com a própria casa durante a pandemia, decorrente da impossibilidade de contratar trabalhadoras domésticas durante o isolamento, trouxe, conseqüentemente, “uma maior vivência com a desigualdade de gênero decorrente das responsabilizações pelas tarefas domésticas e de cuidado” (MONTICELLI, 2021, p. 90).

Em estudo transversal de metodologia exploratória, realizado com 460 mulheres aleatoriamente selecionadas de uma área considerada pobre na cidade de Salvador (Brasil), em 2001, a carga de trabalho das mulheres foi analisada a partir de duas variáveis: dupla jornada de trabalho e tempo total de trabalho (SANTANA *et al*, 2001). Este estudo verificou que mulheres trabalhadoras domésticas possuíam, naquele período, carga horária total de trabalho diária maior do que 10 horas. Ou seja, a partir da análise de todos estes dados, é possível refletir que a impossibilidade de contratar uma trabalhadora doméstica fez com que muitas mulheres, que antes podiam pagar pelos serviços de cuidado do lar, tenham assumido uma extensa carga horária de trabalho doméstico, conciliando-a com o trabalho remunerado.

Como já mencionado anteriormente, é preciso considerar ainda a existência dos trabalhos não visíveis, como os cuidados com os mais velhos, garantia e manutenção do ensino remoto para os filhos e o próprio trabalho mental da organização de domicílios que envolve toda a gerência do lar e que impactam diretamente a rotina do trabalho doméstico e saúde mental das mulheres. Além disso, é importante destacar o trabalho de assistência a outros membros da família por motivos de doença ou necessidade de supervisão relativa aos cuidados necessários por conta da pandemia (JESUS; MYRRHA, 2020).

Assim, diante da emergência do isolamento social que reconfigurou as relações de trabalho produtivo e reprodutivo em um novo modelo de trabalho remoto dentro dos lares, a jornada de trabalho produtivo que anteriormente ocorria fora do lar - dividida da jornada de trabalho doméstico realizada em casa -, passou a acontecer simultaneamente no mesmo espaço, o que potencializou o aumento de horas totais de trabalho realizadas por dia e a conciliação destes trabalhos para as mulheres durante a pandemia de COVID-19.

Dessa maneira, é possível visualizar o quanto o atual contexto de crises superpostas é potencialmente produtor de sofrimento psicológico durante a pandemia, principalmente quando se verifica uma “dupla jornada de trabalho que não caracteriza a presença de jornadas isoladas, mas sim de jornadas que se sobrepõem, tornando-se intensivas, extensivas e intermitentes” (ARAÚJO; LUA, 2020, p. 2).

Ainda segundo Santana *et al* (2021, p. 21), “o emprego pode ser benéfico para o bem-estar da mulher, mas depende da condição de trabalho, da qualidade de sua organização e das percepções subjetivas da pessoa”. Por isso, maiores investigações na área precisam ser priorizadas a fim de serem incorporadas em programas de promoção da saúde da mulher (SANTANA *et al*, 2001), assim como para apoiar no desenvolvimento de políticas públicas que reconheçam os direitos das mulheres, associados não apenas à conciliação do trabalho produtivo e reprodutivo, mas também, ao reconhecimento do trabalho doméstico como atividade essencial à reprodução da vida social.

Em sua pesquisa, Monticelli (2021) ressalta a importância do governo na gestão e resolução de tais crises, aspecto que apareceu na narrativa de quase todas as entrevistadas. Os relatos apresentados conectaram os aspectos das desigualdades nas vidas das entrevistadas com a necessidade de pensar e criar políticas públicas relacionadas aos cuidados e ao trabalho doméstico, sem percebê-las como necessárias apenas às camadas populares. Para a mesma autora, “se a pandemia não trouxe novas práticas ou transformações em como se estruturam a lógica da divisão sexual do trabalho, ela pode trazer novas formas de pensar as políticas do âmbito doméstico e do cuidado” (MONTICELLI, 2021, p. 102).

4 CASO F.C

4.1 Dinâmica de Eventos Vitais

F.C é uma mulher negra, estudante de enfermagem em uma universidade pública do Ceará e possui 20 anos. No início, destacou que se sentia sobrecarregada, pois precisava conciliar os cuidados destinados aos seus familiares (principalmente avós) com suas atividades produtivas, como seus estudos, estágio e pesquisa realizada em programa de iniciação científica.

Afirmou, a princípio, que todos esses cuidados familiares são delegados para ela porque está cursando enfermagem e sua família não confia em outros cuidadores. F.C buscou psicoterapia devido ao que denominou de crises de ansiedade, momentos em que afirmou que sentia sudorese, tremores, falta de ar e muito medo. A sua demanda verbalizada era priorizar sua saúde mental.

Durante a investigação da sua Dinâmica de Eventos Vitais, F.C destacou uma preocupação excessiva com a opinião dos outros desde a infância, período no qual sofreu muito *bullying* e racismo. Não contava a ninguém sobre isso e relatou que tinha crises de pânico desde essa época. Na adolescência destacou que vivenciou tais crises devido à pressão que colocava sobre si mesma durante o seu período pré-vestibular. Atualmente, conquistou a carteira de habilitação, mas, na primeira vez que tentou dirigir, sofreu uma crise de pânico (apresentando sintomas de sudorese, tremores, falta de ar e medo intenso) dentro do carro.

Apresentou vivências relacionadas à pressão de ser suficientemente boa que foram investigadas considerando os preconceitos e o racismo vivenciados em seu desenvolvimento sócio-histórico, tendo em vista que o método genético-experimental de Vigotski parte da observação do humano em permanente movimento de síntese e mudança pela qual o sujeito se reconhece como objeto no meio social e elabora relações singulares com as condições histórico-culturais particulares encontradas (TOASSA; SOUZA, 2010).

Além de um processo histórico de naturalização do trabalho reprodutivo como trabalho de mulher, a marca das vivências dessas desigualdades sociais pode ter sido potencializadora de uma necessidade clara que conduz a atividade da paciente: ajudar outras pessoas. A relação estabelecida com as condições de desigualdade é causa do principal motivo que guia atividade de F.C ao chegar na clínica e que também foi considerada, em algumas situações, potencialmente adoecedora.

F.C se considera a cuidadora de seus familiares, sempre se colocando à disposição para ajudar em situações de emergência e, muitas vezes, se sobrecarregando para conseguir realizar todas as suas responsabilidades. Dessa maneira, a proposta de intervenção buscou mediar, durante a terapia, processos saudáveis que objetivaram o desenvolvimento da autonomia de F.C, por meio de intervenções na sua zona de desenvolvimento Proximal (ZDP).

Conceito da psicologia histórico-cultural, a ZDP é definida como o “espaço em que o sujeito encontra condições favoráveis para se desenvolver em direção ao encontro das possibilidades não realizadas” (MELO; LIMA, 2020, p. 87). Para tanto, faz-se também necessário ampliar a sua consciência acerca das contradições da realidade e de suas fantasias.

Assim como Vigotski (2009, p. 169) concluiu que há a necessidade de “ampliar a experiência da criança caso se queira criar bases suficientemente sólidas para sua atividade de criação”, da mesma maneira o adulto que chega até a clínica busca, também, a diversificação de sua experiência ou de suas próprias concepções acerca de si e do outro. Fantasia e realidade, portanto, não estão contrapostas, mas uma é a base material para que o processo criativo saudável ou adoecido ocorra.

No caso clínico discutido, F.C chega até a psicoterapia em um contexto que restringe suas experiências sociais dado o isolamento da pandemia de COVID-19. Por isso, é imprescindível destacar que suas relações sociais foram diretamente afetadas, sendo várias vezes, objeto de discussão na terapia. F.C se afastou de muitos amigos que não consideraram a gravidade da pandemia da mesma forma que ela, reduzindo suas relações a uma amiga e ao seu núcleo familiar. Além disso, com o advento do ensino remoto, suas atividades de estudos e de pesquisa como bolsista passaram a acontecer também em sua casa.

Além disso, seus familiares passaram a demandar mais cuidados em decorrência do contexto pandêmico. Em determinado momento, todos os membros da família contraíram a COVID-19, inclusive ela. Contudo, ela afirmou que era a responsável por garantir que seus familiares tomassem os medicamentos, além de realizar procedimentos como aferir a glicemia, os níveis de oxigênio dos familiares e realizar outros tipos de cuidado e de atividades domésticas. Nesse período, F.C relatou que era realmente responsável por todas essas atividades, buscando conciliar diversas responsabilidades, fato que restringiu as suas experiências às atividades exercidas nesse contexto.

Considerou-se, portanto, a necessidade da mediação de novos processos criativos na paciente que pudessem ampliar a sua consciência acerca de suas possibilidades e limitações. Ademais, considerando que a diversidade de experiências vivenciadas na clínica e na relação terapeuta-paciente serviriam como mediadoras do próprio processo criativo e adaptativo de F.C,

as próximas intervenções buscaram ampliar a consciência da paciente sobre quais atividades realmente eram suas responsabilidades, para o benefício do seu desenvolvimento.

4.2 Cenário de Vida

Esse instrumento consiste na elaboração de um cenário de vida da pessoa em psicoterapia que, neste caso, possuiu o principal objetivo de investigar como F.C enxergava os diversos papéis que cada membro do seu núcleo familiar assumia e qual era a relação da paciente com eles. Dessa maneira, ela desenhou os seus familiares em um papel e descreveu o que acreditava ser o papel assumido por cada um de seus membros e por ela própria. Essa atividade permitiu esclarecer algumas fantasias da infância que F.C ainda possuía em relação a ter sido uma criança desejada ou não por seus pais, aspecto muito importante trabalhado em sua psicoterapia.

F.C falou sobre as localizações de cada figura familiar no desenho que elaborou. Seu pai, apesar de ser colocado como distante e de difícil convivência em suas falas, foi desenhado próximo a ela, demonstrando algumas contradições já observadas anteriormente na psicoterapia, como a necessidade de agradar o pai ou de ser motivo de orgulho para ele.

Além disso, os vínculos que são mais potencializadores, como a mãe e a irmã, tornaram-se mais evidentes, onde a mãe ocupa lugar de “força e porto seguro”. A irmã mais velha é destacada em um papel de “vanguardista”, sendo a voz que abriu espaço para F.C ter mais liberdade na família.

Ao descrever a si própria e o seu papel no núcleo familiar, a paciente se enxerga como aquela que “só tem olhos pra estudar, não sai muito, não tem essa questão de namorar ou pensar em outras coisas” (sic). Para F.C, isso é ser uma filha legal, e parece regular sua idealização de ser ou se tornar suficientemente boa também em sua relação familiar, comportando-se da maneira que os outros esperam dela e não como realmente deseja. Além disso, se autointitula a “filha e enfermeira” em seu cenário de vida e, nas ideias que constrói sobre as suas relações familiares, apresenta uma perspectiva de cuidado que se relaciona intrinsecamente a um papel que também atribuiu a sua mãe, o de “cuidadora”.

Apesar de F.C idealizar ser uma filha responsável bem como uma base de apoio para a família, sente que não viveu muito bem sua vida por medo de decepcionar seus pais. Tal movimento contraditório produz sofrimento significativo, pois, F.C sente que para ser uma filha desejada por seus pais deve abrir mão de seus próprios desejos e necessidades para cuidar da família e se comportar de acordo com as expectativas dos seus familiares.

Assim, investigar tais ideias de maneira crítica e apropriada tornou-se fundamental no processo terapêutico de F.C, culminando em intervenções importantes no campo da linguagem para ampliar o seu nível de consciência acerca do próprio processo de naturalização que ela viveu em relação às atividades que exerce atualmente e que são norteadas pelas expectativas de seus familiares.

Os comportamentos investigados na dinâmica psíquica de F.C podem indicar uma maior passividade do psiquismo, tornando-o um cenário propício para o desenvolvimento de sintomas de adoecimento ocasionados pela pressão quanto ao acúmulo de atividades, visto que, “a base real para a personalidade humana é o agregado de suas relações com o mundo, que são sociais por natureza” (LEONTIEV, 2012, 1.152). Cabe avaliar, portanto, o impacto de um histórico processo de naturalização do trabalho reprodutivo para a atividade subjetiva e, conseqüentemente, para a personalidade de F.C, considerando que:

As funções psicológicas superiores não resultam formadas com cômputo de dispositivos biológicos hereditários, mas das transformações condicionadas pela atividade que sustenta a relação do indivíduo com seu entorno físico e social, ou seja, resultam engendradas pelo trabalho social (MARTINS, 2020, p. 15).

A ideia de Vigotski acerca da compreensão das funções psíquicas em um sujeito concreto, consideram a “integridade dos processos psíquicos, dentro da dimensão processual de seus comportamentos concretos” (GONZÁLES- REY, 2007, p. 155-159). Ou seja, para se constituir uma visão integral do sujeito, é preciso analisar os processos afetivos como inseparáveis do pensamento e da linguagem.

Dessa maneira, considerando a importância de uma análise integral de F.C, a atividade de complementação de frases foi aplicada com o objetivo de verificar a unidade de processos defendida por Vygotsky, unidade que permite visualizar “a relação que vincula pensamentos às dinâmicas do comportamento e à atividade concreta da personalidade” (VIGOTSKY, 1969, p. 55-51 apud GONZÁLES- REY, 2007, p. 160).

4.3 Complementação de Frases

Conforme as concepções de Vigotski (2008) a respeito da importância da interrelação entre linguagem e pensamento, a linguagem é percebida, aqui, como o laço que relaciona os conceitos de tomada de consciência. Essa perspectiva parte das considerações de Vigotski (2008), sobre a consciência seria constituída enquanto um “sistema dinâmico de significados” que constitui uma unidade de processos afetivos e intelectuais de um sujeito. Ou seja, o autor

demonstra que que “toda ideia contém uma atitude afetiva para com a porção de realidade (contexto) a qual ela se refere (VIGOTSKI, 2008, pp. 50-51). Essa análise em unidades proposta pelo autor, permite visualizar mais claramente a relação que neste trabalho também se pretendeu estabelecer entre as necessidades individuais de um sujeito e os seus pensamentos.

Assim, a linguagem humana, para Vigotski, possui um caráter essencialmente ativo e atua, por meio dos signos linguísticos como instrumento de mediação da atividade do sujeito. Similar ao que ocorre no emprego de uma ferramenta para a realização concreta de uma atividade, os signos (símbolos) são instrumentos que podem mediar os processos psíquicos, pois se dirigem aos próprios sujeitos para serem internalizados em suas funções psíquicas (TULESKI; EDIT, 2020, p. 35-44).

Dessa maneira, foi realizada a atividade de Complementação de Frases (GONZÁLES-REY, 2007), disponível em sua versão completa no Apêndice A deste trabalho, a fim de se investigar, por meio do uso da linguagem, os sentidos que F.C atribuiu às suas experiências relacionadas à conciliação do trabalho produtivo e reprodutivo, considerando as concepções dos sentidos como um sistema dinâmico, um conjunto que é a unidade entre cognição e afeto e que considera uma “autonomia relativa das emoções em espaços de produção psicológica” (GONZÁLES-REY, 2007, p. 162).

Dentre as frases sugeridas para complementação, cabe ressaltar algumas que são fundamentais para a compreensão do processo saúde-doença vivenciado por F.C. Inicialmente, para se compreender melhor as vivências do racismo como constituintes do seu psiquismo, foi sugerido que F.C complementasse a frase “Ser uma mulher negra é...”, ao passo que ela respondeu: “Difícil, porque eu acho que é uma luta diária, porque a gente tem que dar o nosso melhor. Não que as outras mulheres não enfrentem isso, mas a gente ‘é uma luta diária’, pois são muitos obstáculos que a gente tem que enfrentar para ser ouvida e notada” (sic).

O marcador racial foi um dos temas centrais na psicoterapia de F.C e foi observado como fundamental em uma análise crítica acerca de seu desenvolvimento, visto que considerar vivências de desigualdades marcantes e estruturais como o machismo e o racismo é indispensável para uma investigação mais profunda de processos de saúde-doença na atual sociedade, pois, nesse caso e na grande maioria, as condições materiais de vida impostas são permeadas por contextos de vulnerabilização e, como identificado na psicoterapia de F.C, são potencializadoras do sofrimento psíquico.

Vale ressaltar, ainda, que segundo dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 2015, 88,7% das(os) trabalhadoras(es) domésticas(os) entre 10 e 17 anos no Brasil eram meninas e 71% eram negras(os). Apesar de não encontrar uma análise das repercussões

da pandemia para a saúde mental de mulheres negras durante o período de revisão bibliográfica, é possível tecer considerações acerca do marcador racial visto que o racismo tem “sido uma ideologia que opera poderosamente na sociedade como motor de desigualdades que engendram as precárias condições de existência do povo negro, configurando-se como uma grave violência estrutural e institucional presente na sociedade brasileira” (CFP, 2017, p.6).

Com o objetivo de compreender como a naturalização do trabalho reprodutivo se apresenta nas vivências diárias de F.C, foi proposta a complementação de algumas frases que serão discutidas aqui. A primeira delas foi a frase “Quando ajudo alguém, eu me sinto...”, que obteve a seguinte complementação: “Jesus, agora fugiu todas as palavras (risos)...bem, como se eu tivesse sendo uma heroína, nem que fosse pra ajudar alguém a atravessar a rua. Me sinto tão feliz, eu acho que é isso, feliz” (sic).

A segunda frase que busca investigar o processo de naturalização das atividades reprodutivas para o psiquismo de F.C foi “Quando não consigo ajudar alguém, eu me sinto...”, que foi complementada por ela assim: “imponente, eu acho que às vezes dá pra *mim* ajudar, mas quando eu vou ver eu vejo que tenho algumas limitações, mas mesmo assim ainda quero ajudar. Então, eu me sinto muito imponente nesse quesito” (sic).

A última frase que possui o mesmo objetivo de investigação acima foi “Eu acredito que os outros precisam de mim porque...”, respondida por F.C da seguinte forma: “eu nunca fiz essa pergunta pra mim... porque (pausa) eu sou forte. Muitas vezes eu acabo sendo forte, eu não sei se é porque eu tenho a necessidade de ser forte, no quesito de ser um apoio pras outras pessoas” (sic).

Considerando a perspectiva teórica aqui adotada de que as mulheres se desenvolvem a partir de uma lógica de naturalização do trabalho reprodutivo na atual sociedade, é possível visualizar como esse tipo de naturalização corrobora para o adoecimento por meio de uma carga de trabalho extensiva, uma preocupação excessiva e a assunção e conciliação intensa de papéis de cuidado que estão relacionados, neste caso, a uma sobrecarga mental e emocional já identificada nos estudos anteriormente mencionados neste trabalho.

Por isso, para investigar como a conciliação de atividades produtivas e reprodutivas é percebida e sentida por F.C, foi sugerida a complementação da frase “Conciliar as atividades de estudo, pesquisa, extensão e/ou estágio com as atividades domésticas como arrumar a casa e/ou cuidar de parentes é...”. Dessa vez, a paciente parou alguns segundo para pensar, respirou fundo e respondeu: “muito cansativo, eu fico MUITO cansada. Porque às vezes é muita coisa e eu não consigo dar conta” (sic). E chorou ao tomar consciência de sua própria reflexão.

Essa intervenção pode contribuir para a compreensão não apenas dos sentidos que F.C atribuiu para as experiências mencionadas até aqui, mas também para como esses sentidos afetam os motivos e necessidades que conduzem a sua atividade dominante, contribuindo para a solidificação de processos de adoecimento relacionados à conciliação de diversos papéis que acarretam prejuízos a sua saúde mental.

Como já mencionado, a atividade dominante é uma categoria que, segundo a psicologia histórico-cultural, norteia as relações e o desenvolvimento potencial do psiquismo, e na fase adulta se relaciona diretamente com a centralidade do trabalho e dos rebatimentos das atividades laborais no capital atual sobre os pacientes adultos que chegam até a clínica (OLIVEIRA NETO, 2020).

Portanto, considerar as implicações que a naturalização do trabalho reprodutivo exerce enquanto atividade dominante em conjunto de outras atividades sociais na fase adulta do desenvolvimento humano é fundamental, visto que é partir dessas relações que surgirão as transformações nas hierarquias das necessidades de F.C, transformando, em contrapartida, o modo característico com que ela irá se vincular com a realidade

Um exemplo desse tipo de transformação é percebido nos sentidos que F.C atribui para a categoria de cuidado, tanto de seus familiares como de outras pessoas na sociedade. Além de ser uma mulher negra e vivenciar os impactos da naturalização do trabalho reprodutivo enquanto atividade de cuidado atribuída às mulheres, a paciente ainda escolheu uma profissão que reforça essa atividade dominante de cuidado, constituindo, então, uma característica marcante de sua personalidade.

Tornou-se necessário, portanto, ampliar a consciência de F.C, consciência que é vista, neste trabalho, como um movimento interno específico gerado pelo movimento da própria atividade humana (LEONTIEV, 2012). Ou seja, segundo Leontiev (2012), para mediar a ampliação da consciência de um sujeito acerca das contradições decorrentes da sua atividade humana na realidade e da hierarquia de suas necessidades, é imprescindível que se compreenda a atividade que guia as necessidades subjetivas do sujeito e como o desenvolvimento dessas atividades transforma as necessidades já existentes.

Destarte, foi possível concluir que, durante o processo de psicoterapia, F.C conseguiu reconfigurar a hierarquia de suas necessidades, analisando quais atividades domésticas e de cuidados com os familiares ela realmente precisava assumir e conciliar. Conseguiu, além disso, intervir no ambiente familiar de forma segura e orientada, solicitando que uma cuidadora capacitada tecnicamente fosse contratada para assumir os cuidados com os seus avós.

Por fim, ao tomar tais decisões, ela conseguiu retornar para as atividades de estágios, ensino e pesquisa no modelo presencial, após flexibilização das medidas de isolamento e identificou essas mudanças como positivas porque possibilitaram uma maior diversificação de suas experiências sociais e a diminuição significativa dos sintomas físicos e psicológicos da ansiedade.

5 AS CONTRADIÇÕES DO PROCESSO

Assim como foi verificado no caso F.C, é preciso considerar alguns aspectos contraditórios com cuidado ao realizar uma intervenção em psicoterapia. Portanto, nesse caso, foi possível compreender que a conciliação das atividades produtivas e reprodutivas que tão caro custou à saúde mental da paciente também constitui uma configuração de um psiquismo marcado por vivências de preconceito, racismo e machismo. Ou seja, para F.C, conciliar múltiplas atividades não se tratava apenas de um processo naturalizado socialmente, mas também, da estratégia que utilizou por muito tempo para ser reconhecida e valorizada por seus familiares e pela sociedade.

Além disso, a paciente vivenciou contradições na própria relação familiar, ao assumir o papel de cuidadora dos avós e se prontificar a cuidar das atividades domésticas para ajudar sua mãe. A paciente reconhece, em uma de suas falas, que, ao realizar todas as atividades, ela não permitia que a sua ausência fosse apreendida por seus familiares, para que cada um pudesse realizar suas próprias atividades sem uma dependência direta da filha, neta, estudante de enfermagem, entre seus outros papéis.

De acordo com Delari Junior (2012) o sujeito da clínica histórico-cultural é “o sujeito emergente nas relações sociais” nas quais precisa se colocar, assumindo determinados papéis sociais conforme as suas relações sociais são estabelecidas. Ou seja, para o autor, não se trata de uma visão relativista de um sujeito que muda conforme cada papel, seja de filho, pai, profissional, entre outros. É um sujeito único que experimenta diferentes vivências que constituem sua história e seu desenvolvimento, deixando marcas.

A assunção de tais papéis sociais gera, muitas vezes, a contradição, pois, nem sempre esses papéis podem ser conciliados entre si. Dessa forma, “o conflito entre os papéis coloca o sujeito diante de uma situação de escolha, que é tensa, conflitiva, à qual Vigotski chamou de ‘drama’” (DELARI JUNIOR, 2012, p. 8).

Vale ressaltar, ainda, que F.C se encontra em uma fase de desenvolvimento transitória, comumente definida como juventude, “momento em que a pessoa inaugura seu envolvimento com questões sociais e políticas de suas comunidade e/ou sociedade como um todo, orientando sua relação com o mundo em direção a fase adulta” (ABRANTES; BULHÕES, 2020, p. 245).

Em contrapartida ao que estuda e acredita, F.C vive em um contexto familiar onde o machismo incorporado pela figura de seu pai, reforçado também por outros familiares, acaba tolhendo a sua liberdade, por meio de diversas situações. Ao se submeter aos múltiplos papéis

exigidos em um contexto considerado por ela como machista, a paciente também enxerga que toda a sua luta social construída sob uma determinada perspectiva ativista é irrelevante.

No caso de F.C, o contexto familiar em que se encontrava no início da terapia era despotencializador, ampliando a necessidade da paciente de buscar por terapia para que pudesse priorizar sua saúde mental em detrimento das cobranças familiares. Assim, a psicoterapia visou integrar as diversas nuances do movimento vivido pela paciente, compreendendo suas vivências singulares diante dos diversos papéis e responsabilidades que a mesma assumiu no decorrer de seu desenvolvimento.

Em atividade de complementação de frases, a última frase sugerida objetivou investigar uma das necessidades mais mencionadas por F.C durante a terapia, a necessidade de sair de sua casa. Ao complementar a frase “Sair de casa é importante porque...”, ela respondeu: “eu acho que eu vou ser livre. Ser livre, pois, vou estar longe das pressões e expectativas que meus familiares colocam em mim”. Contudo, a paciente não reconhece o nível de pressão que as responsabilidades que ela mesma atribui a si acarretam para sua saúde mental. Tal contradição, ao ser identificada, foi cuidadosamente abordada na terapia por meio de uma intervenção que visou apresentar como as relações sociais contribuem ou não para o alcance da liberdade do sujeito.

Segundo Delari Junior (2012), a liberdade é uma meta do desenvolvimento humano, não um pressuposto. O psicoterapeuta histórico-cultural atua, portanto, como mediador das relações contraditórias vivenciadas pelo sujeito. Assim o psicoterapeuta histórico-cultural intervém ajudando o sujeito “a identificar os papéis que assume, os dramas que vive e os signos (instrumentos psíquicos) que podem mediar suas ações conscientes rumo à liberdade” (CLARINDO, 2020, p. 93).

Neste sentido, foi necessário mediar, em F.C, o desenvolvimento de uma consciência acerca das suas idealizações, ampliando sua compreensão sobre as diferenças existentes entre os papéis sociais de “filha”, “acadêmica de enfermagem” e “ativista social”. Para isso, as intervenções seguiram a lógica do método genético-experimental, considerando as contradições do processo e o contexto socioeconômico de F.C para uma mediação de processos de conscientização que pudessem direcioná-la para o fortalecimento de sua autonomia e apropriação de sua liberdade, visto que “uma grande imagem do desenvolvimento da personalidade: [é] um caminho para a liberdade” (DELARI JUNIOR, 2012).

Dessa maneira, foi possível verificar os impactos do isolamento social decorrente da pandemia para a saúde mental de F.C no que tange a assunção de seus papéis e responsabilidades no seu núcleo familiar e a intensificação da conciliação destes papéis com

outras atividades produtivas do seu dia a dia como estágio, pesquisa e /ou sua formação acadêmica. Para F.C, conflitos familiares também foram tensionados, potencializando situações de adoecimento decorrentes de uma convivência inevitável com posturas machistas e racistas dentro do seu núcleo familiar.

Por último, além desses processos de desgaste ao conciliar diversas atividades, F.C também precisou conviver por maior período de tempo, devido ao isolamento social, em um ambiente familiar não favorável à sua saúde. A paciente apontou o retorno das atividades presenciais como uma possibilidade de solução para a questão, contudo, também ressaltou a dificuldade que enfrentará para conciliar tudo que realizava em uma rotina de atividades presenciais novamente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como em todo caminho há dificuldades a serem superadas, a primeira experiência de estágio em processos clínicos não poderia deixar de encontrar alguns desafios e limitações. Neste caso, o atendimento e a supervisão em modalidade remota, ao mesmo tempo que permitiu que os atendimentos ocorressem de maneira segura durante a pandemia, distanciou fisicamente os sujeitos do processo, bem como possibilitou que alguns temas fossem mais evitados em decorrência do *setting* de atendimento ter migrado integralmente para a casa das pessoas em psicoterapia, tornando mais desafiadora a abordagem de demandas relacionadas ao ambiente familiar e seus conflitos.

Apesar de tais dificuldades, muitos aprendizados foram desenvolvidos graças às vivências na clínica psicológica histórico-cultural. Houve aprofundamento de conceitos como mediação, signo linguístico, consciência, liberdade e do próprio método de investigação na clínica histórico-cultural. Considerando que a abordagem histórico cultural ainda caminha em direção a uma estruturação maior de suas aplicações na clínica, a apropriação do método foi fundamental para o avanço dos atendimentos clínicos e da formação profissional da autora.

O processo de psicoterapia na clínica histórico-cultural sob a supervisão de um profissional que atua na clínica permitiu, para a terapeuta, uma aproximação maior do método genético-experimental, possibilitando uma maior investigação das emoções da paciente considerando uma perspectiva de desenvolvimento genético e suas vivências em um contexto socioeconômico marcado por crises superpostas a uma crise de saúde global decorrente da pandemia de COVID-19.

Ademais, as discussões propostas a respeito da saúde mental da mulher e suas relações com um processo histórico de naturalização do trabalho doméstico, contribuíram, diretamente, não apenas para a formação acadêmica da autora, mas principalmente, para a formação de um sujeito com uma consciência mais profunda acerca das desigualdades de classe, gênero e raça vivenciadas no atual sistema de produção capitalista.

É válido ressaltar que a presente análise possui limitações dada a complexidade do fenômeno abordado, visto que as investigações foram realizadas com base em apenas um caso clínico e os resultados dos impactos na saúde mental de cada sujeito podem se apresentar de modo diferente em um mesmo contexto sócio-histórico, o que sinaliza a necessidade de maiores investigações sobre os impactos da pandemia de COVID-19 para a saúde mental de mulheres universitárias, da classe média do Ceará, em um estudo de amostra maior.

Por fim, assim como verificado no exemplo da Argentina que através do decreto 475/2021 de 17 de julho de 2021 considerou o cuidado com os filhos como contribuição em anos de serviço para a aposentadoria das mulheres do país, ainda é preciso avançar muito em conquistas de direito de mulheres no Brasil afim de alcançar melhores condições de vida e de trabalho que potencializem o desenvolvimento saudável das mulheres e a verdadeira equidade de direitos trabalhistas entre os gêneros.

REFERÊNCIAS

- AIRES, Joaquim Maria Quintino. A abordagem sócio-histórica na psicoterapia com adultos. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 5, fev. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2006000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 de mar, 2022.
- ARAÚJO, Tania Maria.; LUA, Iracema. O trabalho mudou-se para casa: trabalho remoto no contexto da pandemia de COVID-19. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 46. 2021, Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6369000030720>. Acesso em: 1 jan, 2022.
- CLARINDO, Janailson Monteiro. **Clínica Histórico-Cultural: caracterizando um método de atuação em psicoterapia**. 2020. 203 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.
- CLARINDO, Janailson Monteiro. Desafios da Prática Clínica. *In*: LIMA, Ana Ignez Belém. **Cartas Para Vigotski**. Fortaleza: EdUECE, 2020. p. 157-183.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Relações Raciais: Referências Técnicas para atuação de psicólogos/os**. Brasília: CFP, 2017. 147 p.
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. o uso de suas competências regimentais e atribuições conferidas pela Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, e pela Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990, Brasília, 2012.
- DELARI JÚNIOR, Achilles. **O sujeito e a clínica da psicologia histórico-cultural: diretrizes iniciais**. 2012. Disponível em: <http://www.delari.net/clinica-ufms.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2022.
- EISENHARDT, Kathleen M. Building Theories from Case Study Research. **The Academy of Management Review**, [s. l.], v. 14, ed. 4, p. 532-550, 1989. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/258557?seq=1>. Acesso em: 23 mar, 2022.
- FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário: Notas sobre Marx, gênero e feminismo**. São Paulo: Boitempo, 2021, p. 208.
- FEDERICI, Silvia. **O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista** São Paulo: Elefante, 2019, p. 388.
- GONZALEZ REY, Fernando. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 24, p. 155-179, jun. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752007000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 jul, 2022.
- HOMBRE, Francisco El. **Triste, Louca ou Má**. São Paulo: Estúdio Navegantes, 2016. Suporte (04:30 min).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Trabalho Desocupação, renda, afastamentos, trabalho remoto e outros efeitos da pandemia no trabalho.** Disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/trabalho.php>. Acesso em: 20 jan. 2022.

JESUS, Cristina Jornada de; MYRRHA, Luana Junqueira D. Os afazeres domésticos antes e depois da pandemia: desigualdades sociais e de gênero. **Programa de Pós-Graduação em Demografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.** Disponível em: <https://demografiaufrn.net/2020/07/16/afazeres-domesticos-antes-e-depois/>. Acesso em: 6 mar. 2022.

LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. **Atividade Consciência e Personalidade.** 2012. Disponível em: https://www.amazon.com.br/Atividade-Consci%C3%Aancia-Personalidade-Alexei-Leontiev-ebook/dp/B00AGZDT84#detailBullets_feature_div. Acesso em: 05 jun. 2022.

MAIA, Berta Rodrigues.; DIAS, Paulo César. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. **Estud. psicol.** Campinas, v. 37, e200067, 2020. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100504&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 jul 2022.

MELO, Janaína.; NUNES, Ana Ignez Belém Lima. Contribuições da neuropsicologia de Luria para a clínica histórico-cultural. *In*: LIMA, Ana Ignez Belém. **Cartas Para Vigotski.** Fortaleza: EdUECE, 2020, p. 87-96.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. p. 416

MONTICELLI, Thays. Divisão sexual do trabalho, classe e pandemia: novas percepções? **Sociedade e Estado**, v. 36, n. 01, p. 83-107, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202136010005>. Acesso em: 29 jun, 2022. Epub 26 maio 2021.

OLIVEIRA NETO, José de.; LIMA, Ana Ignez Belém. A clínica histórico-cultural com adultos: desafios e descobertas. *In*: LIMA, Ana Ignez Belém. **Cartas Para Vigotski.** Fortaleza: EdUECE, 2020. p. 217-240.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **PNAD Contínua Trimestral do IBGE.** Disponível em: <https://www.ilo.org/brasilia/temas/trabalho-domestico/lang--pt/index.htm> . Acesso em: 08 jun. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **COVID-19:** cronología de la actuación de la OMS. Disponível em: <https://www.who.int/es/news/item/27-04-2020-who-timeline---covid-19>. Acesso em: 20 jun. 2021.

OXFAM. **Tempo de cuidar:** O trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade. Disponível em: https://www.oxfam.org.br/wp-content/uploads/2021/04/1579272776200120_Tempo_de_Cuidar_PT-BR_sumario_executivo.pdf. Acesso em: 20 jul, 2022.

RIBEIRO, Ludmila.; SILVA, Bráulio. O coronavírus, as mulheres e o lar: uma combinação explosiva?. Dilemas: **Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 1, 2020.

SANTANA, Vilma S.; LOOMIS, Dana P.; NEWMAN, Beth. Housework, paid work and psychiatric symptoms: Trabalho doméstico, trabalho assalariado e sintomas psiquiátricos. **Revista de Saúde Pública**, [s. l.], v. 35, ed. 1, p. 16-22, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/MMYjvZYJhtfVhyWnSRH4RXD/?lang=en#>. Acesso em: 1 jan, 2022.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico crítica: primeiras aproximações**. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

TOASSA, Gisele.; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. As vivências: questões de tradução, sentidos e fontes epistemológicas no legado de Vigotski. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 00, 2010. Disponível em: http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642010000400007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 jul. 2022.

TULESKI, Silvana Calvo.; EIDT, Nadia Mara. A atividade dominante e a formação das funções psíquicas superiores. *In*: MARTINS, Lígia Márcia.; ABRANTES, Angelo Antonio.; FACCI, Marilda Gonçalves. **Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento Psíquico: do nascimento à velhice**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2020, p. 35-61.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Análisis de las funciones psíquicas superiores. *In*: VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Obras escogidas III: historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores**. Madri: Visor, 2000a, p. 97-120.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância: ensaios psicológicos: livro para professores**. São Paulo: Ática, 2009.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COMPLEMENTAÇÃO DE FRASES

1. Ser uma mulher negra é...

Resposta: Difícil... porque eu acho que é uma luta diária, porque a gente tem que dar o nosso melhor. Não que as outras mulheres não enfrentem isso, mas a gente “é uma luta diária”, pois são muitos obstáculos que a gente tem que enfrentar para ser ouvida e notada” (sic)

2. Eu acredito que uma filha deve...

Resposta: ser companheira, eu acho que assim..., mas eu acho que ser companheira no quesito de tá ali e ser um apoio, mas não constantemente, porque eu percebi isso depois das nossas conversas de não tá ali sempre sendo o apoio das pessoas (sic)

3. Quando ajudo alguém eu me sinto...

Resposta: Jesus, agora fugiu todas as palavras (risos)...bem, como se eu tivesse sendo uma heroína, nem que fosse pra ajudar alguém a atravessar a rua. Me sinto tão feliz, eu acho que é isso, feliz. (sic)

4. Quando não consigo ajudar alguém eu me sinto...

Resposta: imponente, eu acho que às vezes dá pra mim ajudar, mas quando eu vou ver eu vejo que tenho algumas limitações, mas mesmo assim ainda quero ajudar. Então, eu me sinto muito imponente nesse quesito. (sic)

5. Quando me pedem ajuda em algo, eu...

Resposta: sempre tento ajudar, mesmo eu estando com 300 coisas pra fazer, eu sempre tento arranjar um tempo e esse tempo não existe então eu acabo ficando frustrada. (sic)

6. Quando alguém diz que eu devo ajudar porque estudo enfermagem, eu sinto...

Resposta: eu fico triste, porque às vezes isso me sobrecarrega. Acaba me sobrecarregando porque eu tento de todas as formas, mesmo não sabendo... porque ainda estou no início do curso. (sic)

7. Eu acredito que os outros precisam de mim porque...

Resposta: eu nunca fiz essa pergunta pra mim. Porquê... eu sou forte. Muitas vezes eu acabo sendo forte, eu não sei se é porque eu tenho a necessidade de ser forte, no quesito de ser um apoio pras outras pessoas. (sic)

8. Quando me pedem para ajudar (arrumar a casa, cuidar de alguém, etc.) enquanto estou estudando, eu...

Resposta: fico com raiva, fico com muita raiva, porque eu sinto que as pessoas sabem que eu estou ali estudando e tudo, mas é como se eu sentisse que eu **tivesse** que fazer.

9. Quando eu estou pesquisando, eu estudo sobre...

Resposta: vulnerabilidades. Desde a escola eu tenho essa necessidade de estudar vulnerabilidade. os professores sempre falaram que eu sempre ia atrás das pessoas que mais precisavam pra dar uma voz, ser um correio de voz pra essas pessoas.

10. Conciliar as atividades produtivas (estudo, pesquisa, extensão, etc.) com as atividades reprodutivas (cuidar da casa, de parentes, de filhos, etc.) é...

Resposta: muito cansativo. Eu fico muito cansada. Porque às vezes é muita coisa e eu não consigo dar conta. (sic)

11. Sair de casa é importante porque...

Resposta: eu acho que eu vou ser livre. Não é somente ser livre na questão de sair de casa, mas ser livre dentro de mim mesmo. Me libertar dessas pressões que eu coloco em mim mesma. Ser livre, pois vou estar longe das pressões e expectativas que meus familiares colocam em mim